

Diretor Responsável:  
 ANTONIO COSA CORREIA  
 GOTA: MOTA  
 HOZAIR MOTA MARCONDES

 Editado pela Comissão Executiva Regional de São Paulo do  
**PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO**

 Secretário Tesoureiro:  
 GETÚLIO URSULINO NETTO  
 Ano XI - N.º 107 - Dezembro/1959

## A Sucessão Presidencial

Felhus Gikvate

A Convenção Nacional do Partido, realizada em 15 e 16 de agosto, decidiu adiar a solução do problema da sucessão presidencial para data mais oportuna. Pouco antes o Diretório Regional de São Paulo, em sua primeira reunião ordinária, aprovou um documento em que dizia, entre outras coisas:

"Considerando que a função precípua do Partido é lutar pela divulgação do programa socialista e exercer proselitismo visando a conquista do poder por meios democráticos;

O Diretório Regional do Partido Socialista, reunido a 2.7.59, declara que:

1 - A sucessão presidencial é para os socialistas um problema tático e não programático ou ideológico;

2 - Excluindo a hipótese de candidatura própria, as candidaturas outras são, via de regra, apoiadas por forças políticas heterogêneas, formando ao lado de forças democráticas e nacionalistas, outras nitidamente reacionárias e ligadas ao capitalismo imperialista"

As duas atitudes, a do Diretório Regional e a da Convenção Nacional, são, portanto, algumas vezes opostas. O que a primeira afirma de maneira explícita, a segunda confirma de maneira implícita. Essa concordância não é ocasional, nem aparente. Vem provar que os pronunciamentos prematuros, feitos a juízo e veia, a favor deste ou daquele candidato, não conseguiram abalar a decisão do Partido de examinar o problema no momento oportuno e dar-lhe solução adequada, na certeza de que qualquer que seja não afetará a unidade e os postulados básicos do Partido.

A nota do D. R. de São Paulo tocou em algumas questões fundamentais. Afirmou que a escolha do candidato do Partido a presidência da república é apenas uma questão tática. Trata-se, sem dúvida, de uma verdade, nas condições atuais. As forças políticas não estão divididas em campos ideológicos nítidos. Continuam enquadrados nos atuais partidos políticos aglomerados heterogêneos de interesses regionais ou de grupo, de um lado e de tendências ideológicas de outro, ou simples legéncias atrás das quais se abrigam os interesses pessoais e aventureiros de seus "donos". Não é de estranhar pois, que o mesmo partido tenha fisionomia diversa em regiões diferentes e que conte em seu seno elementos "centro-gaúchos" e "nacionalistas". A crise econômica, agravada pelo desenvolvimento desordenado do país e pelo atraso do campo, e a crise política que, como sempre, se aprofunda, nas vésperas das campanhas de sucessão presidencial, ainda não foram capazes de romper a estrutura política atual, premissa indispensável para a reorganização das forças políticas em bases mais consentâneas com os verdadeiros interesses das diferentes classes.

Ao lado do antagonismo artificial e aparente dos atuais mascararam a luta dos diferentes partidos políticos, que apenas grupos econômicos pelo controle do poder central, surgem em outras coligações que não encontraram ainda expressão política adequada. O antagonismo entre o Norte, cada vez mais subdesenvolvido e o Sul em vias de desenvolvimento

começa a tomar formas políticas ainda imprecisas na atuação dos governadores dos estados modestos e na candidatura de Juracy Magalhães, do outro lado vemos ressurgir o espírito de "outubro" e "movimento" principalmente no seio das forças armadas, e a ameaça de submergir as candidaturas de Janio e Lott em uma atmosfera de odios pessoais e dispendiosos militares.

Esta confusão política resulta sem dúvida alguma da crise e da confusão econômica, causadas pelo processo de desenvolvimento irregular, desigual, não planejado efetuado quase sempre em função de interesses imediatos destes ou daqueles grupos econômicos ligados mais ou menos estreitamente a capitais estrangeiros. Cabe ao Partido Socialista, antes de se pronunciar a favor desta ou daquela candidatura, ou antes de rejeitá-las todas e lançar candidato próprio, ou abster-se de participar das eleições presidenciais, denunciar aos trabalhadores e ao povo as causas reais da crise que atravessamos, apontar as verdadeiras soluções para o impasse a que chegamos e tentar agrupar em torno de um programa mínimo objetivo as forças políticas interessadas em soluções para o país como um todo e não para grupos regionais ou locais, atualmente de número numerosos por todo o Brasil.

As políticas atuais de desigualdade e de desenvolvimento desordenado, não são apenas um apelo cujos resultados não se farão esperar.

Nos, socialistas, denunciamos o regime atual em que o poder político continua concentrado nas mãos dos latifundiários e capitalistas ligados ao imperialismo, como incapaz de assegurar o desenvolvimento do nosso país no sentido de melhorar as condições de vida das populações. As atuais classes dominantes, detentoras do poder, são incapazes de uma luta efetiva e permanente contra o capital estrangeiro ao qual estão associados. São incapazes de planejar o desenvolvimento da indústria em virtude de seus interesses de grupo. São incapazes de assumir a função de efetuar a reforma agrária, tipo Venezuela, Cuba ou outra, indispensável ao aumento do rendimento do trabalho agrícola e consequente barateamento dos gêneros alimentícios, donos que são dos latifúndios e dos exaustos créditos destinados à agricultura. Quando muito, sob a pressão constante e permanente das massas populares e de pequenos grupos econômicos, fazem algumas reformas parciais e transitorias, tais como a Petrobras, a Eletronas e as recentes medidas para o restabelecimento das relações comerciais com todos os países, etc. Essas concessões parciais, deformadas por um burocratismo dispendioso, parcialmente neutralizadas por manobras do tipo da entrega da petroquímica a capitais privados e da entrega da energia elétrica produzida pelas usinas públicas a Light e congêneres, vivem sob ameaça permanente dos agentes indígenas do imperialismo. Além disso, essas medidas isoladas não foram suficientes para conjurar a crise econômica que se vai agravando rapidamente. Para contrariar os efeitos de nascença e aquecimento que querem ver, a criação a inflação desenfreada, as dificuldades cambiais permanentes, a falta de gêneros alimentícios de primeira necessidade — feijão, carne, etc.

O desenvolvimento anárquico da indústria e a falta de um planejamento adequado, fazem com que novas dificuldades surjam como decorrência do próprio processo. A hipertrofia da indústria automobilística, já ameaçada pelo aspecto da super-produção, nos obriga a importar chapas de aço, devido ao atraso da indústria siderúrgica. O aço importado vai encarecer produtos como a enxada e o carrinho de mão, ainda instrumentos básicos de nossa atividade e, consequentemente, os produtos de primeira necessidade.

Em resumo, o trabalhador da cidade e do campo, estrangulado pela inflação, está pagando um preço excessivamente caro pelo nosso desenvolvimento industrial, anárquico e desordenado ameaçado de estagnação e colapso em mais de um setor, prova de forma caricada que grande parte para os bolsos dos capitalistas estrangeiros. O processo de desenvolvimento nas bases em que está sendo realizado levará as massas trabalhadoras ao desespero e a nossa economia a uma crise sem precedentes.

A fim de conjurar essas ameaças é indispensável mudar as linhas mestras de nosso processo de desenvolvimento. É indispensável planejá-lo, na cidade e nos campos, visando

o desenvolvimento industrial e o da agricultura não pode ser obtido sem a reforma agrária radical. A reforma agrária, ressalvadas as particularidades regionais, deve ter por meta a abolição do latifúndio improdutivo, o acesso à propriedade da terra àqueles que nela trabalham, assistência técnica e financeira efetiva e a implantação do cooperativismo. Esta reforma agrária só poderá ser realizada na base da expropriação das terras improdutivas, com sua indenização. O desenvolvimento da indústria, em bases diferentes das atuais, pressupõe a intervenção mais ampla e mais direta do Estado na economia e a subordinação da livre iniciativa aos interesses do país. A nacionalização das indústrias básicas deverá ser ampliada progressivamente. Deverão ser elaborados planos de conjunto para o desenvolvimento da indústria de transformação, cabendo ao Estado, através de uma política de créditos, ditar a localização, a qualidade e a quantidade da produção. A nossa política em relação à participação de capitais estrangeiros deverá ser revista radicalmente. A participação realmente útil só é possível através de empréstimos, a longo prazo e juros baixos, e a participação em forma de participação deverá ser rigorosamente disciplinada com o duplo objetivo de enquadrá-las no plano geral de desenvolvimento e de impedir a exploração de nossa economia através da remessa liberal de "royalties", dividendos, lucros etc.

É claro que não dispomos ainda de instrumentos políticos adequados para a realização desse plano. Os atuais partidos políticos, dada a sua heterogeneidade, só podem realizar uma política destinada a manter o atual "status quo". Quando muito, teremos concessões maiores ou menores aos interesses dos capitais estrangeiros, aos seus grupos econômicos nacionais. Os elementos capazes de por em prática uma política radical-

Continua ao lado

## A Volta da "FOLHA SOCIALISTA"

Depois de muito tempo de interrupção, voltamos a editar a Folha Socialista, órgão da Comissão Executiva Estadual do Partido Socialista Brasileiro em São Paulo. A reedição da "Folha" é um dos pontos do programa de atividades que a atual Comissão Executiva pretende levar à prática. E esperamos executar esta tarefa com êxito, contando, para isso, com a cooperação de todos os socialistas, mesmo dos que estejam fora do Partido.

Um Partido de esquerda não pode deixar de ter um órgão de imprensa que lhe sirva de instrumento de divulgação de posições políticas e ideológicas. Todo movimento socialista é, necessariamente, um movimento de reforma, que visa conquistar a adesão das massas populares para posições diversas daquelas dominantes na sociedade. Tem de ser, portanto, antes de tudo, um movimento de difusão de idéias e, por isso, necessita, mais que qualquer outro movimento político, de órgãos de imprensa. Por outro lado, não é possível contar com a boa vontade de chamada "grande imprensa" diária. Num país como o nosso, em que a imprensa e o rádio tendem cada vez mais a se transformar num simples negócio, exigindo inversões de capitais vultuosos, é claro que não se pode esperar boa vontade para com as atividades de um movimento socialista. Por isso, tem este de fazer um grande e permanente esforço, no sentido de manter seus próprios órgãos de divulgação, sem o que suas possibilidades de progresso serão sempre precárias.

Por isso mesmo, fazemos um apelo para que todos os socialistas de São Paulo, por cima das divergências políticas que possam separá-los presentemente, em função de posições políticas atuais e de fatos passados, unam seus esforços, no sentido de manter e prestigiar "Folha Socialista", como órgão de divulgação do movimento socialista.

De nossa parte, como redatores responsáveis pelo jornal, procuraremos dar-lhe orientação objetiva e imparcial. Assim, quaisquer opiniões emitidas por colaboradores, ainda que contrárias às nossas pessoais, serão publicadas, desde que se enquadrem nas posições ideológicas e programáticas do Partido Socialista Brasileiro. Entendemos que o debate escrito, em torno de posições divergentes entre socialistas, é de grande importância e muito salutar. Ele eleva o nível geral dos militantes e contribui poderosamente para o esclarecimento das posições tomadas. Nesse sentido, procuraremos manter, como já se fazia antes, em "Folha Socialista", uma seção sob o título de "Tribuna de Discussão Socialista", onde serão livremente aceitas colaborações de discussão das posições políticas do Partido, especialmente com relação aos problemas atuais. Assim, no que diz respeito às posições do Partido quanto ao problema da sucessão presidencial, serão aceitas, nessa seção, colaborações de defesa ou ataque deste ou daquele candidato, já que o Partido Socialista ainda não tomou posição nesta questão. Essa será, mesmo, uma forma de esclarecimento geral, que permitirá uma tomada de posição mais segura, tendo em vista os interesses da classe operária e do povo brasileiro em geral. Os socialistas replem a forma "monolítica" de organização partidária, na qual um ou alguns chefes autoritários ditam a orientação a ser seguida e as divergências são colhidas como desagregadoras. As divergências, desde que inspiradas no exame sincero dos fatos e na vontade de acertar, dentro da orientação geral dos ideais socialistas, têm que ser aceitas sempre, como úteis ao acerto de uma posição coletiva justa.

Esperamos, portanto, que "Folha Socialista", mantendo-se firme, de ora em diante, mesmo retratando divergências de posições políticas entre socialistas, seja um grande fator de união para estes.

## AUXILIE A IMPRENSA SOCIALISTA

### A SUCESSÃO PRESIDENCIAL - (Conclusão)

mente oposta são minoria dos Partidos atuais e continuarão minoria nas coligações que se constituirão eventualmente em face da sucessão presidencial. Assim, nada se pode esperar deste ou daquele grupo que galgar o poder em 1961, no sentido de uma mudança radical.

A crise atual persistirá com tendência para um agravamento cada vez maior. Mais cedo ou mais tarde, assistiremos ao rompimento dos atuais quadros políticos partidários e a formação dos instrumentos adequados para a realização das reformas e do desenvolvimento do país.

MOVIMENTO SINDICAL

AUMENTOS SALARIAL DOS METALURGICOS

Partido Socialista Brasileiro e o Comitê Consultivo do Secretariado Latino-Americano da Internacional Socialista

A Convenção Nacional do Partido Socialista Brasileiro realizada a 16 e 18 de Agosto...

A Secretaria Latino-Americana da Internacional Socialista tem sua sede em Montevideo...

filiação do Partido Socialista Brasileiro já se eleva a seis...

O Comitê Consultivo já realizou, desde a sua fundação...

Vem o sindicato dos metalúrgicos, em São Paulo, sob a presidência eficiente de nosso companheiro, Sr. Remo Forli...

E mister, entretanto, que se diga, que isso reflete um trabalho bem orientado e profícuo...

de seu órgão de Classe, incutiam-lhe o espírito de luta e de ordem para cerrarem fileiras...

Como não poderia deixar de ser, procuramos ouvir aquele que mais se destacou nessa luta...

Por outro lado, solicitado a ratificar a notícia de que caso

nos viessem a ser atendidos em suas reivindicações, entrariam em greve, afirmou nosso entrevistado...

Dia vier, em futuro próximo, em que os Sindicatos fortalecidos e respeitadas condignamente...

Wladimir dos Santos

Aos leitores do "COMBATE" e Amigos Democratas da América no vigésimo Aniversário de nossa Guerra Civil

Vinte anos após o término da guerra civil espanhola, que apaixonou e dividiu o povo...

A este clamor, que pede a justiça política, paz civil, garantias democráticas...

Os democratas sinceros da Espanha sabem, como nossos amigos do exterior que — como revelaram e explicaram recentemente...

Para as gerações que agora adquirem a maturidade em conhecer a democracia e suas modalidades...

nal oposto, o estalinismo. Não só entre eles mas entre espanhóis de todas as idades...

Continua no próximo número



Da esquerda para a direita, sentados, sr. Roberto Gusmão - Delegado Regional do Trabalhador de Dep. Ino Simião, sr. Luiz Tarconi, prof. Albertino Rosário Rodrigues e sr. Romulo Forli - presidente do Sindicato...

NOTINHAS POLITICAS

O senador Otávio Mangabeira, em discurso proferido na Câmara, manifestou-se indignado com a situação do Brasil atual...

foi mesmo dos grandes, daqueles de fazer periclitar um regime. Bravo ao deputado gaúcho...

O Governador Carvalho Pinto, com todo o seu feição de conservador, daqueles que porfiam na ostentação das "velhas tradições" de gente honesta...

ção. E viva o oportunismo, que tudo desculpa hoje, até as maiores sardadezas com tais palavras...

O general Ururahy, presidente da COFAP, julgou-se armado de toda a autoridade que lhe dera o Presidente da República...

Bombas na COFAP. Alarme no Rio de Janeiro. Movimento de Polícia. Reunião de generais. Onda de inquietação: os terroristas estão preparando novos atentados...

COLABORE NO FORTALECIMENTO DO SOCIALISMO BRASILEIRO AJUDANDO "FOLHA SOCIALISTA".



SOCIALISTA Socialismo e Liberdade

ANO XI DEZEMBRO DE 1959 No 107

Visita do Líder Socialista Iugoslavo

Esteve há dias em São Paulo, no curso de breve visita ao Brasil, o sr. Svelozar Vukmanovic Tempo, presidente da Confederação Nacional dos Sindicatos Iugoslavos e vice-presidente da Aliança Socialista Iugoslava.

Um grupo de socialistas de São Paulo teve oportunidade de palestrar com o ilustre visitante.

O encontro teve lugar em casa do conselheiro Iugoslavo em São Paulo, sr. Branko Grubic — encontrando-se presentes também o embaixador da Iugoslávia, sr. Danilo Lékic e funcionários da embaixada Iugoslava.

Foi uma reunião extremamente interessante. O sr. Vukmanovic, embora de maior projeção no governo na milícia socialista na Iugoslávia, é um homem que impressiona pela firmeza e objetividade de suas ideias, pela ausência de personalidades de grandes personalidades por uma formação humanista e democrática admirável. Um autêntico líder socialista dos muitos que provavelmente se forjaram na heróica luta do povo Iugoslavo, pelo direito de autonomia, pela libertação, derrotando os invasores nazifascistas, depois para construir um regime socialista independente, autêntico, com o intuito de estabelecer o mundo socialista mundial e ao mesmo tempo do bloco soviético. Colocou êle os socialistas de São Paulo inteiramente à vontade, dispondo-se a discutir divergências e responder a quaisquer perguntas, num ambiente de completa camaradagem.

As perguntas que lhe foram feitas sobre o funcionamento do regime socialista na Iugoslávia, sindicatos, direito de greve e outras questões, o sr. Vukmanovic respondeu prontamente, sem subterfúgios nem evasivas. Fez uma longa exposição sobre o regime de autogestão operária que vigora na Iugoslávia. Com efeito, esta é a grande experiência do proletariado e do povo Iugoslavo, que diferencia bastante o seu regime político e social do regime dominante na União Soviética e nas chamadas "Democracias Populares". Nestes países a propriedade privada dos meios de produção foi de todo abolida, mas não se chegou ainda ao controle operário sobre os meios de produção.

Os administradores de fábricas, fazendas e demais empresas coletivas são nomeados de cima para baixo, pelos órgãos estatais. O controle democrático dos trabalhadores sobre a direção das empresas não existe ainda por via estatística. As metas, através daquilo que os órgãos locais do Partido Comunista poderão fazer, em cada caso. Na Iugoslávia procurase realizar autênticamente o ideal da sociedade socialista, preconizada por todos os teóricos, inclusive e especialmente por Marx: a propriedade coletiva direta dos trabalhadores sobre os meios de produção. E o que se chama o regime de autogestão. As direções das fábricas e demais empresas são eleitas por comitês de trabalhadores. Toda a produção é descentralizada, em bases comunitárias, de forma que cada empresa é uma unidade produtiva autônoma. A organização regional e nacional da

produção é conseguida através de um engenhoso sistema de distribuição da renda de cada empresa e de um sistema de crédito inteiramente aplicado ao desenvolvimento econômico.

O poder político comunal (municipal), exercido por assembleias eleitas, exerce uma grande função neste sistema. Enfim, a Iugoslávia está realizando, sem grandes violências internas, dentro de um regime de liberdade política bastante aprofundada, a organização socialista da sociedade, na forma idealizada por todos os teóricos do passado e do presente: a propriedade coletiva assegurada através do controle democrático e descentralizado dos trabalhadores sobre os meios de produção.

O sr. Vukmanovic discorreu, ainda sobre o papel dos sindicatos na Iugoslávia, que é um tanto diferente dos países capitalistas. Ali os sindicatos têm um papel ativo na planificação da economia, na organização da massa trabalhadora, no sentido de fazer prevalecer sempre os interesses coletivos da classe operária sobre os interesses individuais ou de grupos de operários. Por exemplo, o conselho operário diretor de uma fábrica, com apoio da maioria dos trabalhadores dessa mesma empresa, resolve distribuir todo o lucro líquido da empresa em gratificações a todos os que ali trabalham, o sindicato pode interferir, através de uma campanha educativa no sentido de revogar a medida ruinosa para o futuro da empresa e para o país.

Da mesma forma, o sindicato pode promover campanhas no sentido de melhoria de salários em determinadas empresas. Infelizmente os sindicatos procuram exercer uma função de equilíbrio entre os interesses econômicos coletivos das categorias profissionais e os interesses do desenvolvimento econômico e social do país.

Sobre o direito de greve, informou o sr. Vukmanovic que existem greves, embora raras, porque as condições ali são diversas do sistema capitalista.

No regime de autogestão das empresas não há oportunidade para greves, sendo em casos excepcionais, uma vez que os próprios trabalhadores da empresa podem destituir o conselho diretor, se este se colocar em conflito com os seus interesses e opiniões ou podem recorrer ao Conselho da Companhia para resolver os conflitos surgidos.

Falou ainda o ilustre líder socialista sobre o caso Djilias, sobre a questão da liberdade de imprensa, níveis de salários, previdência social e outros pontos que foram objeto de perguntas. Foi, enfim, uma reunião bastante útil, pelos esclarecimentos colhidos pelos socialistas de São Paulo, assim como pelos laços de camaradagem estabelecidos com os militantes socialistas da Iugoslávia, através do ilustre visitante.

A questão do conflito iniciativa vs. estatismo assume importância cada vez maior, em nosso país, para caracterizar, servir talvez, para caracterizar, melhor que qualquer outra questão política ou econômica, a posição real do totalitarismo progressista da República, na presidência da República, na próxima campanha. Isso porque essa questão traduz, na realidade, o conflito entre as necessidades do desenvolvimento econômico do Brasil e as necessidades dos grupos econômicos nacionais e estrangeiros dominantes, que dia a dia vão se colocando em contradição com aquelas necessidades do país.

Hoje pode-se notar uma espécie de palavra de ordem posta em prática, sob o comando das chamadas "classes produtoras". O sentido de proclamar a "livre iniciativa privada" é a mesma mestra do desenvolvimento econômico do Brasil e, ao mesmo tempo, combater energeticamente e desmoralizar qualquer intervenção estatal na ordem econômica. O Estado é apontado como "mau administrador", enredado pela corrupção, pelo empirismo, pela burocracia, pelo atraso. O exemplo clássico é a Central do Brasil, a exemplo da ineficiência estatal. Ao mesmo tempo aponta-se o extraordinário desenvolvimento de certos grupos industriais privados, como a eficiência da iniciativa privada. Os Estados Unidos, campo do liberalismo econômico, é apontado como o "modelo" a ser seguido. Verdadeiras campanhas publicitárias são organizadas nesse sentido, para o poder do Estado, a começar pelo presidente da República, com suas arduas e manufaturadas fábricas e empreendimentos. "Campanhas" colaboram eficazmente nessa campanha.

Entretanto, quem quer que tenha vontade de ver as coisas honesta e objetivamente, tendo em vista os fatos do povo brasileiro, há de perceber o bôco sem saída, o atoleiro a que vai sendo levado o Brasil, com o plano inferior da famosa "iniciativa privada" dos grupos capitalistas nacionalistas, frácos, incapazes, imediatistas, não têm capacidade para enfrentar os grupos capitalistas estrangeiros, muito mais experientes e numerosos, recursos muito maiores, e que penetram intensamente no Brasil, graças as "facilidades" concedidas pela nossa legislação e pelos governos dos Estados Unidos, no "desenvolvimento industrial privado". Com isso estamos sofrendo uma espécie de colonização econômica. Largos setores da indústria nacional já estão privados de recursos por grupos estrangeiros especialmente norte-americanos: indústria automobilística, indústria farmacêutica, indústria de produtos químicos, indústria de conservas e alimentos e outras. As tensões de lucros para o exterior crescem em progressão geométrica. A acumulação de divisas, que é a base do desenvolvimento econômico, está se fazendo, em grande parte, no exterior, servindo para resolver dificuldades de grupos capitalistas em outros países. Mas o nosso país, na medida em que essa acumulação é feita no exterior, vai se empobrecendo, vai tendo seu futuro comprometido, tanto do ponto de vista econômico como político. Nessa marcha, não estará longe o dia em que as classes dominantes brasileiras, já constituídas, predominantes, e já estabelecidas, estrangeiras ou testas-de-ferro de grupos capitalistas estrangeiros. E não é difícil imaginar as largas consequências de natureza política, econômica e cultural que daí resultarão, caminhando o país para um estado de completa desintegração nacional.

A experiência de todos os países e povos envolvidos, na época atual, está mostrando que somente sob um regime de forte intervenção estatal é possível acelerar o processo de desenvolvimento econômico no sentido de superação do atraso e possibilitar a competição com países desenvolvidos e a aquisição da dependência técnica moderna. Os países da órbita soviética estão progredindo de forma cabal. Quisquer que sejam as restrições feitas, sob o aspecto político e social, aos regimes dos países do bloco soviético, tais regimes estão demonstrando imensa superioridade,

como processo de desenvolvimento econômico, sobre o chamado "mundo ocidental". A planificação estatal, a concentração de recursos nas mãos do Estado, a eliminação de todo o desperdício de riqueza social, a alocação total do poder político a serviço do desenvolvimento econômico da nação e outras medidas possibilitadas por aqueles regimes, permite uma espantosa aceleração do processo econômico. Mas não é só nos países da órbita soviética que isso se verifica. Na Índia, na República Árabe Unida, em Israel, no Iraque, na Indonésia e outros países, o Estado assume o papel de propulsor do desenvolvimento econômico e o sistema produz largos resultados. Mesmo nos países do bloco ocidental, inclusive nos Estados Unidos, que é apontado pelos nossos adversários como um maravilhoso exemplo da excelência da iniciativa privada, a estatização econômica avança a largos passos, como único meio de acelerar pelo menos o mesmo ritmo de desenvolvimento econômico. Assim, por exemplo, o desenvolvimento da energia atômica e todas as suas aplicações industriais, que representam hoje o pináculo da técnica moderna, estão nas mãos do Estado, em todo o mundo ocidental.

A "não intervenção" do Estado na ordem econômica, preconizada pelos nossos chamados "classes produtoras", já muito penetrados de interesses estrangeiros, não passa, portanto, de uma falácia de uma falácia, de gente que quer manter o Estado afastado dos seus "negócios" para que estes proporcionem lucro fácil e abundante a ser esbanjado enquanto o nosso povo se mata e o país se enfieta na estagnação econômica e social. Ou então é um sonho imbecil de alguns conservadores que sonham com a volta a uma sociedade boazinha, de latifundiários e pequenos produtores, honestos, com um Estado que não se metia em coisas econômicas, estilo Constituição de 1934, e que há de mais intervenção estatal, de não intervenção do Estado é que os nossos amigos das "classes produtoras" não dispensem essa mesma intervenção e por ela se batem quando se trata de arranjar financiamentos nos bancos oficiais, tarifas protecionistas, câmbios especiais, leis de proteção deste ou daquele produto "nacional", e outras medidas semelhantes.

O Brasil, como os demais países subdesenvolvidos, não poderá superar o seu atraso sem um regime fortemente intervencionista na ordem econômica. Aliás, a realidade ali está mostrando que somente através do Estado é possível atacar os empreendimentos econômicos fundamentais como sejam a indústria petrolífera, Petrobrás, a indústria química, a indústria de Copic, a Assur, deveria ser com a indústria automobilística e a fabricação de máquinas pesadas. Em lugar de presidente, se aceitasse postular as fábricas de automóveis estrangeiras que aqui se estabelecem, poderia ter prestado e desenvolvido da Fábrica Nacional de Motores, que é

do Estado e teria dado ao país uma indústria automobilística autenticamente nacional. Em lugar das facilidades, cambial para a vinda de grupos estrangeiros com máquinas obsoletas e bugianga que aqui se transformam em fábricas de lucros a serem remetidos para fora, deveria o Estado se por à frente de um plano de desenvolvimento industrial, montando indústrias piloto, nos ramos fundamentais da economia, com técnicas moderna e recursos concentrados. Mas isto não convém aos "negócios" da iniciativa privada, e tanto o Executivo como o Legislativo são expressões fiéis do pensamento dominante entre os homens da nossa iniciativa privada. E ainda, essa história de Estado "fazer" indústria cheira a enxofre, para os nossos timoratos conservadores, evoca a presença do diabo socialista, que os apavora.

O problema de ser ou não o Estado um mau administrador e um problema de educação política. E claro que o Estado fortemente intervencionista que estamos chamando de "mau administrador" do país, não será o Estado que ali está, corrompido de cima abaixo, paralizado pelo empirismo, pelo burocratismo, num estado que a expressão técnica da incapacidade e decadência das nossas classes dominantes. O processo de regeneração democrática, de elevação do nível político das massas populares, a cada vez que o poder é tomado por homens decentes e energéticos, voltados para os problemas prementes da Nação, não punidos aos interesses de grupos financeiros em lutar dadas que se preocupam com posições de poder pessoal ou de grupo, baseando suas vitórias políticas em máquinas eleitorais corrompidas e nos favores de um Estado paralizado e morto mesmo, as nossas classes dominantes não têm mostrado nenhum interesse em regenerar o nosso sistema político, através de legislação eleitoral adequada, de eleições burguesas, sendo bem representados no Parlamento, tem um regime suado, que possa gerar um aparelhamento estatal capaz e eficiente, que venha a se meter nos negócios da iniciativa privada e soltar por aí o fantasma de um regime socialista.

À esta, pois, o problema que, a nosso ver, serviria de divisor de águas entre os que querem a continuação disso que ali está, o atraso econômico, empobrecimento do povo, corrupção nos órgãos do Poder público e decomposição nacional, favorecida as orgias de uma meia dúzia de nababos — e aqueles que querem, para o país, ainda que seja por diferentes caminhos políticos e ideológicos, um desenvolvimento digno da sua expressão geográfica e do seu potencial econômico. E sobre esse problema, deveria a nossa revista, meditar também muitos que se apresentam como "nacionalistas", através de simples fórmulas vagas de combate à penetração estrangeira, preconizando reformas superficiais, sem usar ataca as raras lançadas por essa penetração em todo o sistema de "livre iniciativa" e "livre comércio".

Partido Socialista Brasileiro

Comissão Executiva Regional de São Paulo:

- Presidente: — Alípio Corrêa Neto.
Vice-Presidente: — Cory Porto Fernandes.
Secretário Geral: — Febus Gikowate.
Tesoureiro: Nicolino Barbero.
Membros: Irahny Carneiro Faria, Antonio Costa Corrêa, Hozair Motta Marcondes, Herbet H. Mercer e Aristides S. Lobo.
Deputados Federais do P. S. B. por São Paulo: Luiz Francisco da Silva Carvalho, Ruy Novais, Waldemar Pessoa, José Henrique Turner e Afranio de Oliveira.
Bancada do P. S. B. na Assembleia Legislativa Estadual: — Cid Franco, Eduardo Barnabé, Jetero Faria Cardoso, Henrique Peres e Leonidas Ferreira.
Vereadores eleitos na Capital: — José Molina Junior e José Freitas Nobre.

Séde do Diretório Nacional do P. S. B.

Av. Rio Branco, 173 - 2. Pav. - Grupo 203 - Fone 22-4683

RIO DE JANEIRO

COLABORE NO FORTALECIMENTO DO SOCIALISMO BRASILEIRO AJUDANDO "FOLHA SOCIALISTA".